

O jeito brasileiro de reunir

Como três câmaras não poderão conviver

Rodolfo Fernandes
De Brasília

DEZ horas da manhã, 487 deputados federais e 49 senadores eleitos ano passado tomam posse e juram solenemente "guardar a Constituição Federal" e defender as leis do país.

Quatro horas da tarde. Os mesmos parlamentares que de manhã juraram "guardar a Constituição", aliados agora aos 23 senadores eleitos em 1982, começam a trabalhar para transformá-la em letra morta.

Esta cena, que não é fictícia e está milimetricamente prevista nos rituais de investidura do mandato dos novos parlamentares, não significa que os representantes do povo não têm palavra. No máximo, indica que o juramento deles não terá muito valor.

Durante 15 anos, desde que a conjugação de cinco palavras virou o lema "Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana", o MDB e seu sucessor, o PMDB, ensinaram através da palavra sempre corajosa do doutor Ulysses Guimarães que o país precisava de leis novas e democráticas. O partido chegou ao poder e cumpriu em 1985, com toda pompa e solenidade, no Palácio do Planalto, a promessa de convocar a Constituinte.

A essa altura, porém, a Assembléia Nacional Constituinte, livre e soberana, se não deixara de ser livre e soberana, por força de sua própria natureza, já não era mais uma Assembléia. Virou um Congresso Nacional com poderes constituintes. Aparentemente, uma simples filigrana de linguagem. Na realidade, entre uma Assembléia Constituinte e um Congresso com poderes constituintes, ou entre a Constituinte Exclusiva e a Constituinte Congressual finalmente convocada, vai uma grande diferença. Uma diferença muito maior do que o pequeno ato de perjúrio que os deputados e senadores cometerão ao jurar sobre algo que não podem — e nem devem — cumprir.

A discussão sobre uma Constituinte Exclusiva ou uma Constituinte Congressual não foi sucesso de bilheteria quando se tratou de sua convocação há dois anos. O PT foi a única e isolada voz a defender essa tese. Agora todo mundo é pela Constituinte Exclusiva desde criança, como fazem os jogadores de futebol quando passam a defender uma nova camisa. A disputa pela presidência da Câmara Federal virou uma panacéia em torno da Constituinte Exclusiva.

O deputado Ulysses Guimarães escorou maliciosamente a sua candidatura em torno do argumento de que a Câmara dos Deputados e o Senado não podem conviver simultaneamente com a Constituinte. Esse é o seu único lema de campanha — e com ele foi que se apresentou para ocupar as duas presidências. Mas onde estava o dr Ulysses quando se dizia que a Constituinte deveria ser exclusiva? Estava, como sempre, dirigindo brilhantemente o PMDB. Mas se era o PMDB o guardião da Constituinte, por que seu presidente não levantou a voz em defesa da exclusividade? Não seria mais difícil naquela época eleger uma Constituinte Exclusiva do que está sendo agora fingir que Câmara e Senado não existem.

Deputados e o Senado Federal são entidades que não podem conviver nem no tempo, nem no espaço. Coerência, no caso, tem o ministro Marco Maciel, que defendia antes, e defende agora, a sua conservadora opinião sobre a Constituinte: ela merece prioridade, mas não exclusividade.

O ministro da Justiça Paulo Brossard é dono de uma curiosa observação (todas as suas observações são curiosas): "a Constituinte não pode ser hóste de da Câmara dos Deputados". Com isso, quer dizer que o presidente da Câmara deve ser o mesmo da Constituinte — Ulysses, é claro —, para evitar superposição de poderes. Por que o então consultor-Geral da República não disse isso em 1985?

O funcionamento de três câmaras conjuntamente antes de tudo remete a uma pergunta que ainda não foi devidamente esclarecida. O que será feito dos nobres senadores eleitos em 1982, quando a Constituinte não passava de

Como quatro Ulysses falaria entre si

José Negreiros
De Brasília

É verdade que a Constituinte vai mudar radicalmente a vida do país, mas essa mania de acumular cargos do Dr. Ulysses Guimarães pode acabar virando a própria Constituinte de pernas para o ar. Ulysses, que já é presidente da Câmara e do PMDB e vice-presidente da República, quer ser reeleito para os três postos e presidir também a Constituinte. Na ficção, Jô Soares e Chico Anísio têm a maior dificuldade para representar tantos tipos diferentes, pois isso implica em personalizar caracteres físicos, vozes, cacoetes e trejeitos. Na vida real, sem o recurso do vídeo-tape a cada erro ou confusão, não se sabe como o Dr. Ulysses vai se safar. Por exemplo: quando o presidente José Sarney viajar e ele assumir o cargo interinamen-

Desta vez falando rápido, olhos muito abertos de quem está assustado, o N° 3, é a própria imagem da ansiedade.

— Ulysses (exclamaria um dos Ulysses, o N° 4, presidente da Câmara), "o Legislativo está muito inquieto, mas ainda há tempo de domar as tensões, subjugar o medo, antecipar-se aos desdobramentos sobre os quais perde-se o controle". Este é um Ulysses dinâmico, bigode estilo Sarney, espírito lacerdista e saque de pessedista.

Sem se atrapalhar com a fala de cada um, o este tratando de Silveira, aquele chamado de Dr. Guimarães, reservando para outro o cerimonioso Presidente, Ulysses troca de chapéu a cada cena, entra e sai da coxia do poder, já agora entusiasmado com seu desempenho, val dos mestres do disfarce no cinema.

Toca o telefone.
— Eu gostaria de falar com o Presidente, por favor — diz do outro lado da linha uma voz pastosa, rouca como uma intervenção de Olavo Setúbal. O ajudante, perplexo, quer perguntar "qual deles", mas pondera se isso não soaria excessivamente irônico. Entra a secretária com a correspondência do Dr. Ulysses Guimarães, mas não sabe se deve entregá-la ao N° 1, que assumiu hoje, ou ao N° 3, o papel que ele mais gosta de desempenhar — de presidente da Constituinte —, ou ainda ao N° 4, presidente do PMDB, do qual anda licenciado. Melhor entregar ao N° 2, pensa ela.

Ulysses — difícil saber qual deles —, contudo, descansa tranquilo, sentado à mesa de uma das suas quatro presidências. Depois daquela tensa reunião consigo próprio sobre os graves destinos do país, irá encontrar-se com as lideranças políticas para resolver as 137 pendências de uma das 27 subcomissões constitucionais que examina 1.523 emendas a nova carta. Seria um trabalho muito pesado para um homem só. Para quatro é canja.
— Nós imaginamos que a melhor maneira de resolver esse problema é eliminando as diferenças e buscando o consenso — pondera Ulysses de volta ao Congresso.

Fala como presidente da Constituinte, e assim incorpora a voz da moderação. Então deveria estar usando gravata vermelha, senha acordada no próprio regimento da Constituinte para identificar o Ulysses presidente da Assembléia. Ou se trata do presidente do PMDB, e logo deveria estar usando o sapato marrom, conforme o combinado? Nesse caso, haveria problemas com os demais partidos. A menos que seja o presidente da Câmara quem está falando, aquele que trajaria sempre terno preto, para diferenciar dos demais, ou é o Vice-Presidente da República, que nessas circunstâncias portaria um discreto distintivo com as armas da república? Estamos diante de uma nova ameaça de crise, já que o PDT reclama da interferência do executivo na redação da Constituinte. Brizola, ainda não decorou os códigos dos diferentes Ulysses.

Ulysses sempre sabe qual Ulysses é, enquanto seus interlocutores confundem-se, tentam sondar de quem se trata, formulam frases que são verdadeiras armadilhas, enfiam, embarçam-se, fascinados como se fica diante de um mágico. O presidente fica na sua, ora disfarçado de si próprio, ora fazendo às vezes do outro.

A única coisa que o aborrece de verdade é as pessoas errarem de Ulysses, trocarem o presidente do PMDB, por exemplo, pelo Vice-Presidente da República. Só nessas horas ele não resiste a um cacoete da Velha República, que a toda hora ainda se ouve numa capital apinhada de autoridade:

— Você sabe com quem está falando? — pergunta ele com o autêntico propósito de esclarecer seu interlocutor.



sonho da então oposição? Está claro que, da forma como as coisas foram conduzidas eles vão participar da redação da futura carta — mas é muito mais claro que eles não possuem delegação ou representatividade para isso. A bancada do PMDB gaúcho — uma das melhores da atual safra — defende que essa espécie de senadores biónicos que passaram pelas urnas tenha direito a voz mas não a voto na Constituinte.

Outra questão: quando for à deliberação dos deputados e senadores constituintes a apreciação sobre a existência ou não de duas casas legislativas (Câmara e Senado), como irão se posicionar? E quando se tratar de escolher entre parlamentarismo e presidencialismo, sendo da tradição do parlamentarismo o sistema unicameral, o que vão fazer? Se, de antemão, não foram eleitos em Assembléia Nacional, e já chegam a Brasília divididos em deputados e senadores, é de se supor que não tratem dessa questão com a isenção devida. E mais: o senador Fernando Henrique Cardoso, virtual líder do PMDB no Senado, consultou seus colegas naquela egrégia casa e chegou à conclusão de que é muito grande a resistência ao não funcionamento do Senado durante a Constituinte, porque os senadores não querem perder o tempo do pinga-fogo, quando mandam recados pela Voz do Brasil aos seus estados. Francamente, senhores senadores!

O jurista Sobral Pinto ensina que não existe democracia à brasileira — o que existe é peru à brasileira. O dr Sobral vai ter que reformular a sua teoria, pois está começando hoje a Constituinte à brasileira.

te, uma dificuldade política qualquer poderá levá-lo a convocar uma reunião dos presidentes da Constituinte, da Câmara dos Deputados e do PMDB para discutir uma saída. Como todas essas pessoas são uma só, ou seja, Ulysses Guimarães, o presidente poderá surpreender-se falando com o espelho.

— Senhores, eu os convoquei aqui porque a nação atravessa uma crise institucional muito delicada — diria, por exemplo, o Ulysses N. 1, no papel de Presidente da República. De faixa e casaca, para distinguir-se dos demais Ulysses, acrescentaria um rascante sotaque nordestino, copiado do chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, além da mania de falar batendo repetidas vezes sobre a mesa.

Dito isso, após um gesto tipo pera aí para o ajudante-de-ordens, o Ulysses-Presidente entraria correndo no closet do Palácio do Planalto e repetiria, nervosamente, para o intrigado auxiliar: "um minutinho só, já vai". Pronto, de lá sairia um outro Ulysses, de andar apressado e ar muito grave, movimentos enérgicos e aquela meia-dúzia de rugas que marca os homens curvados sob sua enorme responsabilidade e a imensa expectativa dos demais. Estamos diante do Ulysses N. 2 ou do presidente da Constituinte, que reagiria:

— Fale logo, Sr. Presidente. De que se trata? O Sr. me parece muito preocupado.

— Em que o partido pode colaborar com a pátria numa hora tão grave como esta? — perguntaria, então, o Ulysses N° 3, passados dez minutos durante os quais somaria uma peruca jovial ao blazer alegre dos políticos modernos.